

CUMANÁ

UM DIA DE FÚRIA

[“Com o suor do seu rosto você comerá o seu pão, até que volte à terra, visto que dela foi tirado; porque você é pó, e ao pó voltará”.

Gênesis 3:19]

Carlos, trinta anos.

(Porto Alegre, verão em algum feriado religioso)

Cena 1: A pensão.

Carlos (abre os olhos, coça os olhos, levanta da cama. Senta na cama, olha para os lados. Levanta, molha o rosto, troca de roupas e sai do quarto): Bom dia.

Vizinha de quarto: Bom dia.

Dona da pensão: (Silêncio enquanto costura)

Carlos: (Sai da pensão)

Cena 2: A rua.

Carlos (entra em um locutório): Bom dia.

Atendente do locutório: Bom dia.

Carlos: (Imprime 350 folhas)

Atendente do locutório (vai até a impressora, espera oito minutos até que todas as laudas sejam impressas, olha para as folhas por cinco segundos e depois olha para Carlos): Boa sorte.

Carlos (não entende): Quanto?

Atendente do locutório: Oito reais.

(Carlos abre a carteira, tira uma nota de dez reais e paga os oito reais)

(Atendente do locutório abre uma gaveta, está suando na testa, tira uma nota de dois reais e entrega para Carlos)

(Carlos sai)

(Carlos caminha na rua olhando para os lados. Entra em uma padaria aberta no feriado)

Senhora dona da Padaria: Mas está aqui há quanto tempo?

Carlos: Três meses, senhora.

Senhora dona da Padaria: Hum, mas tu concorda com o que tá acontecendo lá?

Carlos: Não, senhora.

Senhora dona da Padaria: E por que saiu, então?

Carlos: Porque eu não concordava, senhora.

Senhora dona da Padaria: Trinta anos?

Carlos: Sim, senhora.

Senhora dona da Padaria: Qualquer coisa a gente chama.

(Carlos caminha na rua, atravessa para uma viela paralela à avenida. Carlos passa os olhos em uma tabacaria e enxerga um vulto passar. Carlos continua andando e entra em um bar)

Dono do bar: Mas sabe fazer enroladinho?

Carlos: Não, mas posso aprender, senhor.

Dono do bar: Sabe fazer coxinha?

Carlos: Não, mas posso aprender, senhor.

Dono do bar: Sabe o que é uma coxinha, guri?

Carlos: Sei sim, senhor.

Dono do bar: Hum.

Dono do bar: Mas sabe fazer pastel, né?

Carlos: Sei sim, senhor.

Dono do bar: Frito ou assado?

Carlos: Frito, senhor.

Dono do bar: Mas assado é mais saudável. Hoje em dia pedem mais.

Carlos: Mas posso aprender, senhor.

Dono do bar: Mas saiba que o que mais vende é o frito.

Carlos: Eu sei, senhor.

Dono do bar: Mas tem pastel lá, então?

Carlos: Tem sim, senhor.

Dono do bar: Mas é assado ou frito?

Carlos: É diferente, senhor.

Dono do bar: Mas diferente como?

Carlos: O senhor conhece arepa?

Dono do bar: Que?

Carlos: Arepa.

Dono do bar: Não entendi.

Carlos: (Silêncio)

Dono do bar: Bom, se precisar eu te ligo.

(Carlos sai do bar e continua caminhando, vira à esquerda em uma rua que dará de volta na avenida que estava. Um ônibus um pouco vazio passa, para, e algumas pessoas descem)

(Carlos seca o suor da testa e olha para o movimento de descida das pessoas. Do ônibus, desce uma senhora com uma sacola de supermercado. A senhora acende um cigarro e passa por Carlos)

Carlos: Com licença.

A senhora: Oi.

Carlos: A senhora teria um cigarro para me dar?

(A senhora olha para Carlos da cabeça aos pés, olha para os lados e dá o cigarro)

Carlos: Obrigado.

A senhora: De nada, rapaz, te cuida.

(Carlos acende o cigarro, traga, baixa a mão. O sinal fecha para ele atravessar. Carlos, quando pisa na faixa de segurança, enxerga o vulto do outro lado da rua. O vulto caminha na direção contrária a Carlos)

(Carlos apressa o passo e entra em um salão de beleza)

Carlos: Boa tarde.

Atendente I do salão: Mas você conhece “skincare”?

Carlos: Não exatamente, mas já vi alguns vídeos com formas de cuidado.

Atendente II do salão: Corte e barba masculinos estão bem atuais hoje; gosta de cerveja artesanal?

Atendente I do salão: Quantos seguidores você tem?

Carlos: Uns 700.

Atendente II do salão: Vai precisar abrir o Instagram, fechado não pega a “tag”, sabe?

Carlos: Tudo bem.

Atendente I do salão: Mas tem barbearia lá?

Carlos: Tem sim, moça.

Atendente II do salão: Mas são cortes modernos?

Carlos: Eu acho que sim, moço.

Atendente I do salão e Atendente II do salão (se olham): Hum.

(Carlos sai do salão de beleza. Olha e para em um senhor que vende sorvetes na rua)

Carlos: Este, por favor.

Sorveteiro: Tu queres a casquinha, guri?

Carlos: Sim, senhor.

Sorveteiro: Hum.

Sorveteiro: Quantas bolas?

Carlos: Que bolas?

Sorveteiro: Da casquinha.

Carlos: Hum, achei que era aqueles de máquina, sabe?

Sorveteiro: Não é.

Carlos: Tá, duas então.

Sorveteiro: Tá.

Carlos: (Silêncio)

Sorveteiro: Oh.

(Carlos pega a casquinha)

Sorveteiro: Cinco.

Carlos: Mas não era três?

Sorveteiro: Para os de máquina só.

(Carlos sai)

(Carlos caminha na rua quente, o céu está nublado agora, ele fica comendo a casquinha até que um pingo cai na sua camiseta polo azul. Carlos passa um dos dedos para limpar, mas ainda fica um pouco manchado)

(O vulto passa por Carlos e segue caminhando)

(Carlos apura o passo. Carlos, agora, para em frente a um hotel. O atendente loiro de cabelos cacheados como as de um anjo e com olhos claros como a calmaria de um céu do campo olha entre a porta, que é envidraçada, e aciona o dispositivo que libera a entrada)

Carlos: Olá.

Atendente loiro de cabelos cacheados como os de um anjo e com olhos claros como a calmaria de um céu do campo: E aí, meu! Entra aqui.

Atendente loiro de cabelos cacheados como os de um anjo e com olhos claros como a calmaria de um céu do campo: Bá, então tu é da Venezuela.

Carlos: Sim.

Atendente loiro de cabelos cacheados como os de um anjo e com olhos claros como a calmaria de um céu do campo: E como é lá?

Carlos: Era legal.

Atendente loiro de cabelos cacheados como as de um anjo e com olhos claros como a calmaria de um céu do campo: Tá, e tu já conhece o Grêmio?

Carlos: Sim.

Atendente loiro de cabelos cacheados como os de um anjo e com olhos claros como a calmaria de um céu do campo: Como?

Carlos: Por causa do Ronaldinho.

Atendente loiro de cabelos cacheados como as de um anjo e com olhos claros como a calmaria de um céu do campo: Bá, tu conhece o Ronaldinho Gaúcho, então?

Carlos: Sim.

Atendente loiro de cabelos cacheados como os de um anjo e com olhos claros como a calmaria de um céu do campo: Como?

Carlos: Pela TV.

Atendente loiro de cabelos cacheados como os de um anjo e com olhos claros como a calmaria de um céu do campo: Ah, sim, claro.

Atendente loiro de cabelos cacheados como os de um anjo e com olhos claros como a calmaria de um céu do campo: E o Neymar?

Carlos: Eu não gosto do Neymar.

Atendente loiro de cabelos cacheados como os de um anjo e com olhos claros como a calmaria de um céu do campo: Prefere qual?

Carlos: Ronaldinho.

Atendente loiro de cabelos cacheados como os de um anjo e com olhos claros como a calmaria de um céu do campo: Por que?

Carlos: Porque não sei se vai existir outro jogador que encantava no futebol. A performance dele era muito diferenciada.

Atendente loiro de cabelos cacheados como os de um anjo e com olhos claros como a calmaria de um céu do campo: Era sim.

Carlos: Pois é.

Atendente loiro de cabelos cacheados como os de um anjo e com olhos claros como a calmaria de um céu do campo: Bom, eu entrei aqui há pouco tempo, porque eu moro aqui na frente.

Carlos: Sim.

Atendente loiro de cabelos cacheados como os de um anjo e com olhos claros como a calmaria de um céu do campo: Mas qualquer coisa a gente chama.

Carlos: Obrigado.

Atendente loiro de cabelos cacheados como os de um anjo e com olhos claros como a calmaria de um céu do campo: Me dá teu whats, tu precisa conhecer um amigo meu.

Carlos: Que amigo?

Atendente loiro de cabelos cacheados como os de um anjo e com olhos claros como a calmaria de um céu do campo: Vou te passar o contato dele, mas ele tá ali do outro lado da rua. Vai ali!

Carlos: Tá.

Atendente loiro de cabelos cacheados como os de um anjo e com olhos claros como a calmaria de um céu do campo: Falou meu, boa sorte.

Carlos sai, atravessa a rua porque em frente ao hotel há uma instituição bem grande. Carlos encontra dois seguranças.

Carlos: Sabem onde entra aqui?

Seguranças: Hoje tá fechado porque é feriado, mas o que seria?

Carlos: É para entregar o meu currículo (mostra a folha).

(Os seguranças pegam a folha)

Seguranças: Que legal, a gente vai entregar e eles entram em contato, qualquer coisa.

Carlos: Obrigado.

(Carlos segue caminhando, entra em um mercado de pouca fila que estava aberto no feriado e compra uma água, abre a água e bebe. O vulto passa em frente ao hotel de antes)

(Carlos segue caminhando, agora, mais rápido)

Dono da empresa de lavagem: Até tem lugar, mas tem que trazer teus produtos de limpeza.

Dona de uma tabacaria: Não vão entender o que tu diz.

Dona de uma fruteira: Mas tem banana lá também?

Dono de um açougue: Já provou o churrasco gaúcho?

Dono de uma lavanderia: Até tem, mas tens que trazer teus produtos.

Dono de um hostel: Tu me ensinaria espanhol em troca?

Segurança do mercado: Mas por que Porto Alegre?

Taxista: Vocês vão ter que ir embora, agora, vai acabar isso tudo.

Vendedor de loja de terno: Aqui também não tem.

Síndica de imobiliária terceirizada: Vaga de quê?

(O vulto esbarra em Carlos)

(Carlos pára, sente muito calor, está zozzo. Carlos sua, a água de Carlos terminou. Carlos olha para o chão, olha para a frente. Olha nos olhos do vulto. Respira, sente medo. Olha para o lado, uma porta aberta, uma sala escura dentro de um prédio de esquina. Uma mulher sai, a mulher tem pouca roupa e deixa a porta aberta)

(Carlos entra)

WAKE UP - ou como acordar para o amanhã!

[“Assim o homem ficou extremamente

rico,

tornando-se dono de grandes rebanhos e de servos e servas, camelos e jumentos.”

Gênesis. 30:43]

(SILÊNCIO NOS PRIMEIROS 5 SEGUNDOS)

(SOM AMBIENTE DENTRO DO VÍDEO SENDO PROJETO EM UMA TELA DENTRO DE UM GRANDE TEATRO – O ECO DA TRILHA SONORA DO VÍDEO SAINDO DA CAIXA DE SOM E REVERBERANDO NO AMBIENTE COM MUITAS PESSOAS É PERCEPTÍVEL – O PALCO ESTÁ VAZIO ENQUANTO O VÍDEO É PROJETADO)

VÍDEO 1: Meu nome é Pedro Rafael Louzada Bravo, eu tenho 41 anos. Sou formado de faculdade, radiologista (*toca o telefone, Pedro desliza a grande tela colorida e o desliga com o dedo indicador*). Tenho 18 anos na área da saúde (*toca o telefone, Pedro desliza a grande tela colorida e o desliga com o dedo indicador*) e já trabalhei em muitos hospitais. Sou nativo de estado de Delta Amacuro, Venezuela. Varão da família. Minha mãe teve um total de oito filhos, mas 5 no outro casamento e todos no campo. Eu não tive pai. Ele me deixou com 8 anos. O meu padrasto era racista. Eu sou indígena e ele não aceitava isso porque ele era galego, tachirenses blanco. Apanhei muito, minha mãe que me protegia.

Meu pai morreu quando ele tinha 54 anos. Minha mãe morreu quando ela tinha 52 anos. Meus irmãos estão na Colômbia e eu que estou aqui em Porto Alegre. Todos nós somos do campo. Para mim, viver na cidade é traumático. Vivíamos no campo, 20 famílias, cada uma com seu sítio. Isso era uma espécie de bairro ou cidade para vocês, mas em Delta Amacuro era como um sistema Feudal (risos). Não tinha droga, não tinha nada. A gente nem fechava a porta das casas. Todos se conheciam. Não havia ladrão, não havia nenhuma maldade. Havia paz, havia felicidade.

(O PRIMEIRO VÍDEO DESAPARECE)

(TRILHA SONORA NOSTÁLGICA)

(LUZ ABRE E PEDRO COMEÇA A CAMINHAR PELO PALCO SAINDO DA COXIA)

(AS PESSOAS SE LEVANTAM)

A plateia: Oh!

Pedro (determinado): Se passei muito trabalho na vida? Sim, mas sempre aproveitando muito minhas oportunidades...

Foi então, que um dia, eu fiz um curso de oratória muito longo. Trabalhei todos os aspectos da oratória.

Como se comunicar?

Com quem eu me comunico?

Será que eu me comunico?

Algumas questões que ao longo dos anos nossa experiência de vida, como migrantes de um mundo tão nefasto, nos fez repensar a força que temos. Foi um dos cursos que mais eu gostei. Isso me ajudou em todas as áreas de trabalho, em todos relacionamentos sociais, com a família, laborais e afetivos.

(toca o telefone, Pedro desliza a grande tela colorida e o desliga com o dedo indicador)

Esse curso foi uma saída. Com esse curso eu consegui descobrir coisas que estavam ocultas em mim. Eu só aprendi a falar através da oratória, hoje eu sou palestrante. Palestrei no colégio radiológico da Venezuela.

As pessoas tem uma face, uma atribución de los ojos, de la boca, de lo nariz. A oratória te ensina a hablar. Ver se a pessoa está te ouvindo, te entendendo... Ou se está tendo um doble sentido... Praticamente é adivinhar o que a pessoa está pensando enquanto falamos, é isso que eu falo! Entender todo que está em volta de uma conversación...

A oratória faz você ter uma conversação que desperte o interesse da outra pessoa. Entendem isso meus camaradas? Manipular a situação para o bem de todos, é isso que todos nós queremos. Não é mesmo?

Eu aprendi a interactuar com todos os tipos de pessoas. E isso me ajudou muito aqui também.

Eu percebo quando a pessoa está me enrolando, sabe? Eu sei quando eu estou perdendo meu tempo (risos)

(UMA PESSOA DA PLATEIA LEVANTA A MÃO E PEDRO ESTENDE A PALAVRA):
Desculpa atrapalhar este momento, mas minha amiga está muito emocionada com a tua história. Ela que me convidou para esta palestra e ela queria colocar duas coisas.

(AMIGA EMOCIONADA COM A VOZ EMBARGADA): Eu sou representante comercial de uma grande rede de supermercados de Porto Alegre. Eu gostaria de anunciar aqui que estamos fazendo uma doação (mostra o cheque) de um valor muito simbólico para ajudar todos os amigos na causa para um mundo melhor.

(APLAUSOS, ASSOVIOS E GRITOS DE MOTIVAÇÃO)

(AMIGA DA AMIGA EMOCIONADA COM A VOZ EMBARGADA): Mas antes, nós gostaríamos muito de fazer uma pergunta. Pode ser?

Pedro (radiante, porém sério): Por favor querida amiga...

(AMIGA EMOCIONADA COM A VOZ EMBARGADA): Poderia nos contar um pouquinho de como chegou até aqui?

(CLIMA DRAMÁTICO, TRILHA TRISTE VOLTA A SUBIR, SILÊNCIO NA PLATEIA)

Pedro: Aqui eu tive que fazer um trajeto muito longo para chegar. Fiquei sem nenhum recurso pela situação econômica que meu país passa, né? Eu tinha 25 milhões de bolívares na conta.

A plateia: Oh!

Pedro: Saquei tudo para vir embora para o Brasil. Mas, isso equivaleu há uns 2.500 reais (na época). Em Pacaraima eu fiquei 3 dias sem comer. Em Boa Vista eu estive 4 meses e não consegui arrumar emprego. Uma migração demasiada. Apenas em janeiro, na cidade, haviam mais de 5.000 venezuelanos segundo o ACNUR – Boa Vista. Nem na rua tinha mais espaço para dormir. Por isso eu parei.

Por isso eu encontrei um outro caminho.

Parei-me adiante da igreja Nossa Senhora Consolata...

Uma brasileira, vestida de branco e chamada Maria, me atendeu de braços abertos.

Ouvi muitas histórias, ela me acolheu. Ela acolhia pessoas que vinham da Venezuela a pé, atravessando o estado de Roraima. Ela viu gente chegar sem a sola dos pés. Era uma situação muito triste... (pausa, se emociona e enche os olhos e lágrimas)

(APLAUSOS, ASSOVIOS E GRITOS DE MOTIVAÇÃO)

Pedro (com garra nojenta): Muito dura! Não tenho palavras para expressar o mal que elas viviam.

(APLAUSOS, ASSOVIOS E GRITOS DE MOTIVAÇÃO)

Vocês sabiam que muitos venezuelanos apareciam mortos nos entornos?

(SONS DE COMENTÁRIOS VINDO DA PLATEIA): Nossa, como assim? Que perigoso. Pobres homens venezuelanos!!!

Pedro: Muita violência, toque de recolher. Eu podia chegar no máximo às 18h30 na casa. O exército era quem nos alimentava. Eu comecei a fazer praticamente de tudo para sair daquela situação. Em Manaus, fiquei 1 ano e meio. Mas a coisa estava pior ainda. Não se fala mais português lá, só espanhol ou Criolo (haitiano). A prostituição na rua começa com a bagatela de 2 reais a hora.

(ALGUÉM NÃO AGUENTA E PASSA MAL NA PLATEIA)

Pedro: 45 graus na rua. As pessoas começaram a desaparecer. De Venezuela a Manaus a pé, já pensou? Eu também ouvi essas histórias lá. Minha irmã voltou para a Venezuela, chegou hoje, inclusive, na Venezuela – lá está melhor que Manaus (risos).

Então, eu fui procurar um trabalho em Manaus. Trabalhei 1 ano em uma casa de advogados que nunca me pagaram. Só me davam comida e moradia. Trabalhei 1 ano e meio lá. Me mentiram. Uma vez, eu levantei às 6 da manhã. Tinha que atender 4 cachorros, uma senhora de 77 anos, fazer compras, limpar 2 piscinas e, neste dia, fui deitar à meia noite. Quando eu estava deitado, o cara me ligou...

(VINHETA SONORA DE VÍDEO PROJEÇÃO QUE SE INICIA NO PALCO)

Advogado 1: Pedro, vem aqui lavar o meu carro porque eu preciso sair amanhã cedo.

Pedro: Não, eu não vou te ajudar.

Advogado 2: Como assim você não vai ajudar ele, Pedro?

Advogado 4: Ah pronto.

Advogado 3: Então faz um café pra ele!

(O VÍDEO CONGELA COM PEDRO ACIONANDO O DISPOSITIVO REMOTO EM SUAS MÃOS – SOM DE CLICK PARA PAUSAR)

Pedro: Foi aí que eu parei, desliguei o telefone e tomei a decisão. Hoje, eu estou aqui (se emocionada).

(APLAUSOS, ASSOVIOS E GRITOS DE MOTIVAÇÃO)

(O VÍDEO RETORNA)

Advogado 4: Pedro querido, senta aqui por favor?

Pedro: (senta)

Advogado 2: Então, rapaz... Eu gosto muito de ti.

Advogado 1: Eu também.

Advogado 3: (silêncio)

Advogado 4: Todos nós gostamos. Você trabalha muito bem e tu não vai sair daqui. Eu te quero só aqui, entendeu? Você trabalha só aqui e se eu souber que você trabalhou para qualquer outro aí, as coisas vão complicar para você meu amigo...

Pedro: (rindo de nervoso)

Advogado 2: Sabe que as últimas pessoas que trabalharam aqui... Algumas saíram como ladrões, outras não voltaram... Eu não sei, mas a gente gosta muito de novela (risos).

Advogado 1: (risos)

Advogado 4: (risos)

Advogado 3: (para os outros advogados) que?

Pedro: (perplexo)

Advogado 2: Tem novela lá também Pedro?

Advogado 3: Sim! Na Bolívia né?

(O VÍDEO CONGELA OUTRA VEZ)

E então meus camaradas... Eu iria ser a nova mártir da telenovela né?

(APLAUSOS, ASSOVIOS E GRITOS DE MOTIVAÇÃO)

Pedro (entusiasmado): Já viram Maria do Bairro? Ela foi presa, não foi? Foi acusada de ladrona!!!

(APLAUSOS, ASSOVIOS E GRITOS DE MOTIVAÇÃO)

Pedro: Foi então que tudo mudou

(TRILHA SONORA MOTIVACIONAL RÍTMICA DE ASSALTO DO FILME “ONZE HOMENS E UM SEGREGO”).

Pedro (com ritmo crescente): Eu fui em uma loja de telefones, mas de operadora – que é mais fácil. Comprei um A50 da Samsung (novinho) no crediário com a documentação da família. Lá eles pedem os registros de quem seria “responsável” pelo imigrante. Como uma carta de recomendação mais campeira tchê!

(RISADAS E APLAUSOS DA PLATÉIA)

Pedro: Quem aqui é colorado?

(ALGUNS HOMENS LEVANTAM A MÃO)

Pedro: E quem aqui é gremista?

(MUITOS HOMENS E MULHERES GRITAM E LEVANTAM A MÃO)

Pedro: A loja analisou a família para qual eu trabalhava e aceitou a compra – também porque ligaram para o Advogado 2 e ele, sem saber para o que era, recomendou eu abrir crédito na loja.

No mesmo dia que eu comprei o telefone, eu o vendi para os imigrantes senegaleses que lucram bastante vendendo coisas na rua (eles vendem muito bem). Com o dinheiro eu comprei as passagens. Mas quando o advogado 3 chegou em casa...

(O VÍDEO RETORNA)

Advogado 2: É um traidor!

Advogado 4: Nunca nos amou.

Advogado 1: Onde ele está agora?

Advogado 3: Esperem! (pega um telefone, liga para Pedro).

(som de chamada)

Pedro: Hola.

Advogado 3: Onde você está cara?

Advogado 1: É, meu Jesus Cristo!

Advogado 2: Por favor, volte agora.

Pedro: Eu estou no Rio Grande do Sul (risos)

Advogado 1: (silêncio)

Advogado 4: (silêncio)

Advogado 2: (silêncio)

Advogado 3: Pela fé!

(O VÍDEO CONGELA OUTRA VEZ)

Pedro: Então, camaradas. Talvez seja difícil, do lugar onde vocês estão agora... Na casa de vocês, talvez confortáveis... Bem alimentados... Talvez ouvindo tudo isso pela manhã antes de trabalhar, ou lavando alguma louça na pia... Talvez até tomando banho ou dirigindo. Mas eu preciso contar para vocês que aqui no Brasil os brasileiros são ladrões! Não todos, mas muito deles!

(OUTRA PESSOA PASSA MAL NA PLATEIA E É RETIRADA POR UM SEGURANÇA QUE A LEVA PARA A AMBULÂNCIA PRESENTE NO EVENTO – MOTIVO: PRESSÃO BAIXA)

(VINHETA DE ABERTURA)

(LOCUÇÃO: APRESENTAÇÃO DE UM DOS MAIS DE 200 MILHÕES DE BRASILEIROS: o show!)

Advogado 1: 1,80 de altura

Advogado 3: Cabelos curtos, grisalhos e encaracolados.

Advogado 4: Camisa Polo preta, tênis Nike, calça jeans e um boné de tela.

Advogado 2: E então (fazendo as unhas) ele disse assim ó: “Eu não sabia que brasileiro era tão ladrão!”

Advogado 1: Mas como assim? Eu me sinto envergonhado.

Advogado 4: A Ordem dos Advogados do Brasil se envergonha senhores.

Advogado 3: Mas até hoje eles se falam, acredita? Sim, senhoras e senhores. Patrão e empregado podem continuar amigos.

(PEDRO APARECE NO PALCO SEM NENHUMA PROJEÇÃO)

Pedro: Eu poderia ter ido para o Peru, para o Chile, para a Colômbia. Mas eu escolhi o Brasil porque, para mim, os brasileiros eram sempre gente boa. Na clínica eu fazia terapia (para os pacientes, risos, é que eu também sou quiropraxista) para as pessoas que faziam cirurgia plástica e necessitavam deste pós operatório estendido. Então, eram muitos brasileiros endinheirados...

Pedro: A Venezuela já foi o melhor país da América Latina. A Venezuela tinha muito dinheiro em espécie, fazia até empréstimos. A Venezuela já foi matéria de destaque da América do Sul. Agora o dinheiro que se tem está bloqueado nos Estados Unidos, Europa, Ásia... Agora temos riquezas minerais, mas não dinheiro.

Grito da plateia: É o vírus chinês!

Pedro: Minhas malas foram roubadas em Boa Vista. Eu trabalhei em um mercado chamado "O mercado do Guilherme". Lá eu ganhava 15 reais por dia para trabalhar das 7h às 22h e eu tinha que obedecer todo mundo...

Grito da plateia: Ah não!

Pedro: Todos mandavam e desmandavam em mim.

Grito da plateia: Na minha agência é assim também!

(MUITAS RISADAS)

Pedro: Um dia, voltando pra casa, a polícia me parou. Mas eu não tive medo...

Eu já passei 3 dias sem comer em Boa Vista, em Manaus... E nem por isso eu ia conseguir me prostituir como infelizmente vi muitos compatriotas brasileiros e venezuelanos fazerem. Eu sou um ser humano e eu aprendi, também, a estudar minha saúde. Podemos ficar até 30 dias sem nenhum alimento. Daí, eu pensava: "Não pode ser, em 30 dias eu preciso encontrar alguém que me dê um prato de comida pelo ao menos" (grita) PELA FÉ! (bordão de Pedro).

Mas não podemos ficar muito tempo sem tomar água se não o declive renal é forte. Temos sempre que nos hidratar e pelo menos necessitamos ingerir, ao longo do dia, 1,5 litro de água.

Claro que depende de cada corpo, mas o ideal é que não passe de 3 a 5 dias sem ingerir água – o descaso pode ser fatal!

(SOM DE PLATEIA MUITO ATENTA): Hum.

Pedro: Muitos compatriotas que vieram já foram embora. Foram pra Cúcuta, para o Chile ou para o Peru. Eu não, eu escolhi ficar. Acho que nada que é fácil é bom, sabe? Tudo que é verdadeiro não vem fácil. Pensar dói, incomoda e é perigoso – uma professora de história escrevia isso no quadro em todo início de semestre no ensino fundamental.

Temos que trabalhar, temos que ir atrás. Eu não vou arrumar um bom trabalho se eu não sei falar português, se eu não sei a cultura.

(UMA PESSOA DA PLATEIA LEVANTA A MÃO, PEDRO O CHAMA PARA O PALCO)

Um homem sai da plateia, sobe ao palco e se posiciona ao lado de Pedro: E como fazemos para sermos melhores?

A plateia: Oh!!! (sons de cochichos)

(BEAT DE TEDX ENTRA NO ESPAÇO)

Pedro: O primeiro passo é entender o brasileiro. Pensar como o brasileiro pensa. Pensar como louco sabe? O brasileiro é louco porque não tem limite. O brasileiro tem 40 anos, ainda vive com sua mãe, não trabalha, não tem limite. O cara ganha 100 reais e gasta 200. O cara vai para o serasa para esperar 5 anos para o serasa tirar ele do “nome sujo” e ele poder fazer isso de novo. Faz mal para ele, para as lojas, para o país. Nós precisamos comprar! Mas, mais ainda, pagar nossas dívidas para termos uma nação mais forte.

(APLAUSOS, ASSOVIOS E GRITOS DE MOTIVAÇÃO)

(O HOMEM REGRESSA PARA A PLATEIA)

Pedro: É a cultura. É cultural. Na Venezuela não é assim, as pessoas têm consciência. Na cultura venezuelana as pessoas crescem, trabalham, casam e têm filhos. Pronto, é isso. Aqui ninguém quer ter filhos.

Depois que eu comprar meu apartamento, meu carro, minhas coisas... Daí eu quero ter filhos!

Pedro (convidando o homem a voltar para a plateia): Existem diferentes tipos de demência, correto? Existe uma demência circunstancial e momentânea. Quando eu recebi meu soldo (salário) do hospital, lá na Venezuela (àquele de 25 milhões de bolívares) e não deu nem pra

comprar 3 ovos (porque o preço tinha subido, clássica lei de muita oferta e baixa demanda) eu enlouqueci. Como os brasileiros? Não, porque muitos dos irmãos que conheço do Brasil não querem trabalhar! Eu adoro eles, mas não tem como ajudá-los às vezes.

(OUTRO HOMEM SAI DA PLATEIA E SOBE NO PALCO)

(o homem pega uma placa com um barbante e coloca no pescoço, a placa possui a lavra escrita “neighbor” e inicia um teatro empresa como personagem “Vizinho”):

Vizinho: Com licença.

(SILÊNCIO NA PLATEIA)

Pedro: Olá, Buenos dias.

Vizinho: Então, o que acontece é que faz tempo que não nos vemos. não é?

Pedro: Faz sim senhor.

Vizinho: Sabe de uma coisa?

Pedro: o que?

Vizinho: Faz tanto tempo, tanto tempo que eu não venho até a casa do senhor que eu ainda não tinha visto que o senhor tem um gato.

Pedro: Ah sim, o Bóris.

Vizinho: Pois então, no caso é que o Bóris está usando o meu jardim.

Pedro: O seu o que?

Vizinho: Jardim!

Pedro: (Abre o celular com tela grande e colorida, abre o google tradutor) ah, ok. Eu vou falar para ele não ir na casa do senhor.

Vizinho: Obrigado querido.

Pedro: Certo, até mais (saindo)

Vizinho: Hermano...

Pedro: (para com ranço) sim?

Vizinho: Por acaso, o amigo não teria para ajudar o vizinho o valor que estão me cobrando aí daquela tal CEEE não sei se tu sabe já...

Pedro: (Abre o celular com tela grande e colorida, abre o google) No caso, o senhor não pagou a luz?

Vizinho: No caso, aqui no Brasil, o seu bichano dá nome pra uma outra coisa também (risadas)

Pedro: Mas é que eu sou imigrante, sabe? *(toca o telefone, Pedro desliza a grande tela colorida e o desliga com o dedo indicador)*

Vizinho: Hum?

Pedro: Era para vocês estarem me ajudando. Não me pedindo dinheiro. Eu que sou refugiado. Eu que tenho uma família pobre na Venezuela que precisa que eu mande dinheiro, não vocês. Não acho que o senhor possa reclamar do governo se prefere não procurar emprego enquanto o auxílio emergencial está vigente.

Vizinho: (silêncio) toma um gole do café que já está frio.

(A PLATEIA VAI AO DELÍRIO, MUITOS APLAUSOS)

Pedro (agradecendo ao ator contrato e o convidando para voltar à plateia): Eu sou aplicado. Eu estudo, eu aprendo. Quando eu vou fazer uma entrevista eu vou preparado. Não é sorte, é trabalho! Nas entrevistas com o RH, sabem o que me dizem? Que eu tiro de letra hahaha!

Eu não fumo, eu não bebo, eu sou responsável, eu sou pontual. Eu já fui trabalhar com dor de cabeça, eu já fui trabalhar com 39,3 de febre. Eu já fui trabalhar com dor de ouvido, de estômago, de garganta e dor de dente. Eu nunca pedi para faltar nem para sair mais cedo. Não é pelo que os demais querem ou por lo que se espera. É uma questão de consciência! Essa é a grande diferença.

Um outro vizinho, diz que está doente para não trabalhar. Ele não sabe que no futuro, todo o dinheiro que o INSS pagou para ele agora, uns 1.200 reais eu acho, ele vai ter que pagar. É só um “empréstimo” da própria aposentadoria dele. Vocês sabiam disso?

Advogado 2 (entrando no palco): Prezados, o meu cliente está com depressão. Ele precisa se afastar por tempo indeterminado.

Advogado 1 (entrando no palco): Mas meu prezado colega, o réu está produzindo conteúdo digital para uma marca de calçados no seu próprio perfil do Instagram?

Advogado 3 (entrando no palco e terminando de tomar café) vocês estão falando de CARDS?

Advogado 4: Ele postou carrossel que eu vi!

Advogado 2: O meu objetivo aqui é escutarmos o meu cliente. Se todas as pessoas escutarem o que ele tem a dizer todos vão voltar a trabalhar e vão parar de mentir para o nosso querido Sistema Único de Saúde!

(A PLATEIA VAIA QUANDO OUVI A EXPRESSÃO “SUS”)

(toca o telefone, Pedro desliza a grande tela colorida e o desliga com o dedo indicador)

Pedro (com os advogados no palco): Eu sempre penso diferente das pessoas comuns. Não sei se pela formação, ou seja pela experiência de vida ou os dois. Porque, na minha visão, quando tudo está ruim, bem ruim mesmo, é que as oportunidades surgem. Leríamos Anne Frank ou Brecht sem o holocausto?

A plateia: Oh!!!

Advogado 4: Eu não entendo como o meu cliente é brasileiro, tem CPF, RG...

Advogado 2: fala português!!!

Advogado 1: e não tem emprego!

Advogado 3: pela fé!

Advogado 2: já o meu, foi promovido na pandemia (risos)

Advogado 4: (para o advogado 1) que vergonha, e ainda pedindo para o seu cliente arrumar emprego para ele!

Advogado 1: uma vergonha, quanto mais problemas existem melhor podemos nos sair.

Advogado 3: O Brasil é um país rico. Com muitas belezas e riquezas naturais. Mas tem uma corrupção pandêmica. Tudo é lindo, mas está tudo errado.

Advogado 2: Mas a Venezuela é um país rico. Com muitas belezas e riquezas naturais também. Mas tem uma corrupção pandêmica. Tudo é lindo, mas está tudo errado.

Advogado 4: (para advogado 2) mas o que você quer falar? O Brasil é um país rico, mas a população brasileira fica falando que não “isso” ou que não tem “aquilo”, mas não fazem nada!

Pedro: (para advogado 4) Acho que sua opinião é tremendamente autocrática, porém reflito com o exemplo de meu vizinho que reclama do SUS, mas não faz nenhuma reclamação oficial!

Advogado 2: Na Venezuela isso existe também. E isso funciona.

Advogado 3: Ah, é mesmo?

Pedro (no centro da cena): Sim, as pessoas vão lá, são mal atendidas e reclamam. Só que o governo não se importa né.

Advogado 1: Ah, então é que nem aqui.

Pedro: talvez.

Pedro: Las ratas, por exemplo. Se em um jantar, rico, que tu está acontecendo bem, as pessoas gostaram da comida, comeram, beberam, dançaram, fumaram, comeram de novo e foram embora. Os garçons, prontamente limpam tudo e organizaram o salão para o outro dia.

Y las ratas?

Agora, se acontece algum desentendimento...

Por exemplo, se em uma festa de casamento uma traição é descoberta, o casal briga, os convidados vão embora, os donos também e os garçons já estão em casa...

Las ratas ganham com isso. E os ratos precisam comer, e eles são muitos...

Como nós, brasileiros.

(silêncio)

(A LUZ VAI CAINDO, E O BEAT DO TEDX SUBINDO. MUITOS GRITOS EMOCIONADOS, APLAUSOS E ASSOBIOS. AS PESSOAS SAEM SATISFEITAS COM O ENCONTRO).

(toca o telefone, Pedro desliza a grande tela colorida e atende a chamada).

NOITE DE AREPAS

[“No Éden nascia um rio que irrigava o jardim, e depois se dividia em quatro”.

Gênesis 2:10]

A irmã.

A mãe.

Jeniffer.

O marido da irmã.

O namorado.

Santiago.

Uma estagiária.

Um estrangeiro.

Uma família.

Um médico.

Um padre.

(É noite de Natal)

Cena 1: A sala.

Jeniffer: “Harina Pan”: esse é o nome. A gente compra a farinha pan por 23 pilas. É esse valor que nos fazem, esse valor que eu encontro aqui. No Uruguai é muito mais barato. Essa vem de São Paulo, mas tu vai ver: tem no mercado livre também. É assim, não tem como eu encontrar mais barato. Eu não consigo entender como cobram esse preço da gente, gente da gente, sabe?

O marido da irmã: Eu não gostei muito do Joker, não. Eu acho que podia ser muito mais cortado, muito mais reduzido, sabe? É complicado porque é lento. É muito lento. Têm cenas que poderiam ser muito menores. A do anão é a mais engraçada. Aquele alívio cômico que falam, sabe?

Uma família: O padre vai chegar!

A irmã: Podem já ir sentando mesmo. Coloquem as cadeiras aqui no meio. Isso aí é um grupo venezuelano, viu, professor? (risos)

O marido da irmã: Tu também é cinéfilo?

Jeniffer: É, aquele que te falei da banca do mercado não dá pra ir. É desse tipo de pessoa que eu tô falando, sabe?

A irmã: Ele vem acompanhado?

O marido da irmã: Tuchegou a ver o outro? Eu acho que esse é muito melancólico, depressivo. O outro tinha uma energia, uma vitalidade maior. Ele tá muito bem, mas o filme é muito lento. Chato, sabe?

Uma família: Pega mais cerveja pro professor.

A irmã: Essa não, essa tá quente. É a Polar, pena que não é a de lá que tu queria provar. Mas é muito caro, assim como todo aquele lugar. Tu lembra do tamanho das arepas ?

Um médico: Eu também não como. Não como carne há 21 anos. Por isso eu não experimentei aqui. Vocês gostam bastante, né? Nunca provei o churrasco.

Santiago: Mãe, coloca pra eu assistir?

Jeniffer: Eu já tinha colocado.

Uma família: Chegou!

A irmã: Tá muito calor aqui, levem isso pra sala. Isso também.

Um padre: Boa noite.

Uma família: Quer uma cerveja?

Um padre: Quero.

Uma estagiária: Quero.

(Os dois bebem)

(Os dois vão para a sacada)

(Um médico e Um namorado também)

Cena 2 (simultânea à cena 1): A sacada.

Um padre, junto a Uma estagiária conversam sem serem ouvidos com Um médico e O namorado.

(Foco cena 1)

Jeniffer: Em Anta Gorda foi muito difícil. Eu sou mãe solteira, assim como tua mãe, né professor? Eu cheguei com meu irmão (Um médico) e o Santi (Santiago). Eles achavam que o meu irmão era meu marido. Quando eles sabiam que eu era mãe solteira, viravam a cara. Eu fiquei um ano em Anta Gorda e não consegui nenhum emprego. Nenhum emprego. Ninguém me deu uma oportunidade porque o meu cabelo era de vagabunda. O meu corpo era de vagabunda. O minha vida era de vagabunda. O meu cheiro era de vagabunda. As minhas atitudes eram de vagabunda. O meu filho era filho de vagabunda. Ele ficou lá, não deu o nome pro Santi. Assim como tu, né? Tu tem o nome do teu pai no teu nome? Tu também não tem o nome do teu pai no teu nome? Tu também é filho de mãe solteira. Na escola do Santi perguntavam onde tava o pai dele. O Santi, eu não sei porquê, mas tu acredita que o Santi inventou que ele morava na França? Dá onde ele tirou isso: França! Eu não consigo entender porque ele não falava a verdade. Falar que não tem pai, qual o problema? Mas não, ele falou da França, e as mães dos alunos vinham me perguntar do pai, e eu tinha que explicar. Cidade pequena, todo mundo se conhece. Quando a gente chega, todo mundo sabe que a gente não é dali. Quando a gente fala, todo mundo sabe que a gente não é dali. Quando a gente anda na rua, todo mundo sabe que a gente não é dali.

(Foco cena 2)

Um padre, junto a Uma estagiária conversam bebendo cerveja sem serem ouvidos com Um médico e Um namorado.

(Foco cena 1)

Uma família: (Sorri)

O marido da irmã: Conta pra ele do trabalho.

A irmã: Sim, conta do trabalho... (risadas, muitas)

Jeniffer: É que, professor, eu trabalho numa distribuidora de brinquedos eróticos para motel.

(Foco cena 2)

Um padre, junto a Uma estagiária conversam bebendo cerveja e fumando um cigarro cada, sem serem ouvidos com Um médico e O namorado.

(Foco cena 1)

A irmã: É por isso que tu não vai arrumar marido! (risadas)

O marido da irmã: (Risadas)

Jeniffer: (Risadas)

Jeniffer: É que os motéis procuram a gente porque eles precisam de shampoo, condicionador, toalhas, papel higiênico... São kits, sabe? Todo o “menu” do motel, a gente que faz. A gente trabalha com motéis da região metropolitana: Canoas, Esteio, Sapucaia, São Leopoldo e Novo Hamburgo. Todos que passam o trem (risadas). Então, os brinquedos a gente também vende. A gente, na verdade, compra de uma única empresa que é nacional e vende para os motéis. É mais fácil, eles precisam de várias coisas, e nós montamos os kits. A empresa que eu trabalho (tipo uma revendedora), ela compra da empresa grande e vai vendendo. Eu ligo, vou nos motéis e negocio com os clientes – donos do motel, tá? (risadas)

O marido da irmã: (Risadas)

A irmã: (Risadas)

Uma família: (Risadas)

A irmã: Tu lembra quando a gente foi juntas? Acharam certamente que nós éramos um casal de lesbianas! (risadas)

O marido da irmã: Escuta essa, professor. (risadas)

A irmã:(Risadas)

A irmã: Ela entrou no motel e estacionou o carro na frente de um outro carro que estava em um apartamento. (risadas)

Uma família:(Risadas)

O marido da irmã: (Risadas)

Jeniffer: (Risadas)

Jeniffer: E eu não vi, tá?

A irmã: Como não viu? O casal teve que sair do apartamento, bater na secretaria para pedir para tirarmos o carro. Saíram dois carros do motel com quatro pessoas - imagina o que não pensaram?

Uma família: (Risadas)

Jeniffer: Ah, mas qual o problema? Deixa eu te contar o mais importante. A questão são as prostitutas. Elas que dão dinheiro! Mira como funciona: cada prostituta tem seus clientes, certo? Então elas vão ao motel e levam os clientes para lá, os clientes gastam e querem agradar elas. Com isso, elas pedem vibradores, cremes, géis, condicionadores, toalhas brancas e tudo do mais caro. O motel ganha com isso, elas ganham com isso, porque também têm parceria com o motel.

(Interrupção)

Um estrangeiro: Seria como os motoristas de ônibus ou van que possuem parcerias com os restaurantes? Por exemplo, um ônibus que sai de Madrid com destino a Lisboa, mas para em Mérida. Por que ele para em Mérida? Porque só tem um restaurante lá e certamente ele deve ganhar dinheiro ou alimentação como auxílio, certo?

O marido da irmã: Talvez?

Jeniffer: Talvez.

Jeniffer: Mas a gente ganha com isso também porque a gente acaba tendo parceria com os donos dos motéis e com algumas garotas de programa que temos mais confiança. Com isso, os kits que a gente quer vender mais para os motéis, a gente pede para que elas peçam isso para os clientes. Daí os clientes pedem para os motéis e, com isso, os motéis nos pedem mais. Se a gente quer lançar um novo vibrador no mercado de motéis é a partir das nossas parceiras que a gente vende.

(Foco cena 2)

Um padre (ainda com uma cerveja na mão, mas sem fumar mais): Está pronto?

O namorado: Vamos comer, então.

(Um médico e Uma estagiária os acompanham)

Cena 3: O jantar.

A mãe: E quando vai ser o batizado?

A irmã: Sim! Quando o senhor pode?

Uma estagiária: Mas o mais importante é vocês poderem.

Um padre: Que maravilha! Um professor. Eu também preciso de aulas de português.

A mãe: Que nada, você fala português melhor que todos aqui. Quanto tempo?

Um padre: 25 anos.

A mãe: A gente tá só há quatro e já acha muito.

Um padre: Bom, eu tenho um conhecido que pode abrir esta ao lado para vocês.

A mãe: Não, não. Mas é bonita como aquela?

A irmã: Claro que é, mãe.

A mãe: Professor, é que eles estão vindo tão de longe. É lá do Canadá, então tem que ser especial.

Uma estagiária: Mas é especial.

Um padre: Vai ser um ritual lindo. Vão estar todos impecáveis. A senhora confia em mim?

A mãe: É claro que confio. O padre mais brasileiro que conheço!

Uma família: (Risadas)

A irmã: Bom, tem de pollo, de cerdo, de carne e de perico para os vegetarianos.

A mãe: Pronto. Os homens podem se sentar e comer.

(Homens ao centro, mulheres em pé ou no sofá)

(Mesa, quatro cadeiras, quatro homens, quatro homens comendo)

(Calor e suor)

Um médico: Que delícia.

Um padre: Uma delícia.

O marido da irmã: Elas podiam estar um pouquinho mais temperadas só. Mas já é bem melhor do que daquele lugar, né?

Jeniffer (falando mais alto): Sim, aquele queijo estava duro, frio. Parecia uma hamburguesa de uma hamburgueseria fast food.

A estagiária: Mas não é fast food venezuelano?

Uma família: (Silêncio)

O namorado: Eu já posso dizer com mais propriedade que sim, é. (risadas)

A mãe: Eu não entendo, é tão bom no Canadá. Eu tenho visado, então vou ver o irmão da Jeniffer sempre. O meu filho é o meu orgulho. Ele conhece o mundo todo, ele já viajou para o mundo todo. Ele tá há muito tempo lá. Ele tá há muito tempo longe da gente. Ele foi embora há muito tempo, sabe? Ele nos deixou há muito tempo. Ele cansou da vida de lá e foi embora fazer a vida dele em outro lugar. Sozinho. Eu não vi ele por uns quinze anos. A gente ficou sem se ver durante uns quinze anos. Muito antes de tudo isso, muito antes da gente estar aqui agora, sabe?

A mãe: Ele é o meu orgulho. Ele investiu tudo que ele conseguiu na vida dele. Ele nunca precisou mais voltar. Ele não volta há muito tempo. A gente vai pra lá, e lá é lindo. Lá é muito lindo. Lá é muito melhor. Lá tem tudo. Lá tem “harina pan”.

Jennifer: Sai direto da Venezuela pra lá. É muito melhor.

Uma família: Lá é muito melhor.

Um médico: Eu não gosto de lá.

(Retira-se, em silêncio, tudo da mesa após os homens comerem)

O namorado: Eu queria conhecer lá.

A mãe: E, agora, tudo tem que ser perfeito aqui.

Um padre: Vai ser perfeito.

Uma estagiária: Já está sendo perfeito.

Um médico: Eu te levo, professor.

Jennifer: Sim, já está tarde. O senhor pode estar no batizado? Nós convidamos o senhor.

O marido da irmã: Ele vai estar na Amazônia, gente. Como o Di Caprio, sabe? (risadas)

Uma família: (Risadas)

Um médico: Vamos.

Feliz Natal.